

REPORTAGEM ESPECIAL



TÂNIA MEINERZ/JC

Há quatro meses, a enchente fez com que versos como “sirvam nossas façanhas de modelo à toda Terra” e “não tá morto quem peleia” rompessem os limites líricos e se enchessem de sentido renovado

São tempos de uma revolução sem armas

O jeito de ser do gaúcho molda a recuperação do Estado em diferentes segmentos econômicos após as enchentes históricas de abril e maio

Lorraine Luz, especial para o JC

Desde maio, não é preciso recorrer aos livros de História – especialmente ao capítulo da Revolução Farroupilha (1835- 1845) – para entender por que motivos virtudes como coragem, valentia, bravura, força, resiliência e resistência estão associadas ao povo gaúcho.

Basta acompanhar as notícias, percorrer ruas, estradas ou cidades inteiras em reconstrução ou perguntar a qualquer brasileiro que assistiu aos desdobramentos de um dos maiores desastres socioambientais do País.

Há quatro meses, a enchente sem precedentes fez com que versos como “sirvam nossas façanhas de modelo à toda Terra”, do hino do Estado, e “não tá morto quem peleia”, canção de Os Farrapos, rompessem os limites líricos e se enchessem de um sentido renovado, quase palpável, como mantras de encorajamento e esperança.

“Sem dúvida, a tragédia resgatou as características de um povo

guerreiro, aguerrido e bravo, que estavam meio latentes”, comenta Luiz Henrique Hartmann, vice-presidente do Sindiatacadistas do Rio Grande do Sul. Não há um único segmento básico da economia gaúcha livre dos impactos do desastre.

Cientes do papel de protagonistas nas ações de um Estado que precisava renascer, as entidades representativas de setores importantes não tinham outra escolha que não a de colocar em prática, antes mesmo de ser ouvido, o chamamento que o secretário da Reconstrução do RS, Pedro Capeluppi, repete a cada oportunidade: “a gente precisa da sociedade e das lideranças discutindo as ações que vão ser empreendidas daqui pra frente. A reconstrução não é um papel só do governo do Estado, dos municípios e do governo federal, mas de toda a sociedade. Precisamos estar todos engajados e trabalhando em conjunto para atingir objetivos que são comuns”. Antes de parecer um recrutamento, a colocação atesta a complexidade da empreitada.

Enquanto alternam-se as urgências e variam as frentes de batalha na reconstrução, conforme a realidade local de cada segmento econômico, restou apenas uma certeza a todos: a índole diligente

e trabalhadora do gaúcho faria a diferença. “Houve empresas que perderam mais de 100 veículos. E outra que perdeu metade de sua frota. São perdas significativas, pesadas. Mas elas seguem firmes no mercado”, destaca Francisco Cardoso, presidente da Federação das Empresas de Logística e Transporte de Cargas no Rio Grande do Sul (Fetransul).

“O gaúcho ama sua terra e cultura, tem autoestima elevada, isso sabemos. E as tragédias unem as pessoas em solidariedade. Temos confiança em nossa recuperação, por certo”, acredita o dirigente.

Para Ivonei Pioner, presidente da Federação Varejista do Estado, a capacidade de se recompor é surpreendente porque passa pela mão do empreendedor gaúcho. “É uma questão de atitude de um povo que foi forjado com muita resiliência ao longo da sua história, sempre com muito foco, energia para o trabalho e para construir os seus sonhos. O comércio foi reabrindo, alguns inicialmente apenas por telefone, vendendo seus produtos, outros depois abriram com poucos produtos”, exemplifica.

Como presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), Antônio Cesa Longo teve conhecimento de dezenas de

histórias inspiradoras, como supermercados emprestando equipes e equipamentos para o recomeço de antigos concorrentes, além da solidariedade de fornecedores, que garantiram bonificações e extensões de prazos. “O povo gaúcho certamente mostrou seu brio e sua força, seu espírito solidário”, resume.

A união e o apoio mútuo explicam a capacidade de resistir e superar os problemas, como pontua Leandro Gindri de Lima, diretor-executivo da Central Sicredi Sul/Sudeste: “vimos, na prática, os princípios do cooperativismo em ação para salvar vidas e ajudar quem mais precisava. O povo gaúcho, historicamente protagonista de suas ações, se mostrou, mais uma vez, solidário e capaz de enfrentar adversidades. Sabemos que o processo de recuperação é longo e demandará o esforço coletivo”.

A solidariedade ignorou fronteiras. Brasileiros de diferentes pontos do País têm crédito na injeção de ânimo que a onda de doações promoveu. “Além de reafirmarmos nossa identidade de coragem e valentia, recebemos a comprovação de como somos admirados pelos brasileiros de outros estados”, lembra o presidente da Agas.

À frente do Sindiatacadistas,

Hartmann também faz referência à importância da ajuda de governos de outros estados e de voluntários, incluindo os que vivem no exterior.

Para Cardoso, da Fetransul, o respaldo sem fronteiras teve mais um componente: “Observei um despertar de consciência sobre nossa contribuição para o sistema federativo do País. Historicamente, contribuimos com muito mais do que retorna para cá. Há uma compreensão de que somos credores de ajuda, por conta de nossa trajetória socioeconômica”.

Testemunha da experiência voluntária ativa no varejo, durante este capítulo triste para os gaúchos, Pioner acredita que as pessoas saíram transformadas. “É impossível não mudar se você tiver contato com alguém que perdeu tudo”, justifica, fazendo um apelo a quem não viu sua cidade tão afetada ou não se envolveu de alguma forma com a reconstrução: “Espero que possam se envolver agora, que possam ir até esses locais e conversar com quem passou por tudo isso. Que não percam a oportunidade de serem tocados pela empatia e percebam que, quando não temos mais ninguém, descobrimos que temos uns aos outros. Isto é sobre a importância daquele que eu nunca conheci ser vital na minha vida”.